

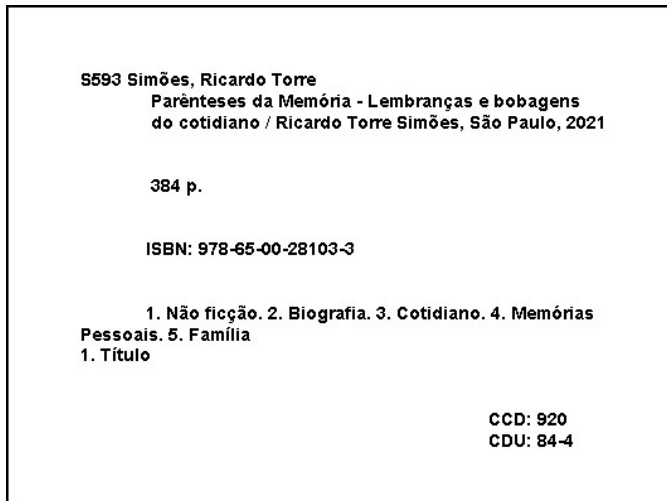
Entre os Parênteses da Memória

Lembranças e Bobagens...

FICHA CATALOGRÁFICA e CRÉDITOS AUTORAIS

Autor: Ricardo Torre Simões, 2021

Título: "Parênteses da Memória – Lembranças e bobagens do cotidiano "



Edição: 1ª edição

Capa: Foto por Antonio Rojo Fajardo, Madrid 2017

DIREITOS RESERVADOS: sobre o conjunto desta edição, a Ricardo Torre Simões, não sendo permitida a reprodução parcial ou total deste livro, por quaisquer meios, de acordo com a Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98; sobre as imagens, aos seus autores.

Tiragem: sob encomenda no site do "Clube de Autores" ou rtorresimoes@hotmail.com

"Criar parênteses nos momentos especiais da vida e colecioná-los, reconstrói boas lembranças, entesoura felicidades, dá vida ao que já não existe e traz alegria em revivê-los."

Aos meus filhos, para que saibam mais de mim.

Índice

Parênteses da memória	13
Os sapatos de meu avô	17
Tipos do cotidiano	23
A pick-up Chevrolet	35
Maria Batalhão	41
A musa do vestido azul	51
Andrea "C"	57
Faculdade	71
Ingenuidade inconstante	81
"Menas" um	89
FMI	99
Cafard	109
A caixa marchetada	113
Reflexo do espelho	125
A galinha que não virou canja	133
A máscara	143
Caçarolas e Frigideiras	151
Mas era simpática a velhinha	157
Portugal nunca d'antes visitado	163
Um dia especial	171
A velha do quadro	177
Bonaparte et Josephine	191
Reflexões descompassadas	201

Bacalhau ou Stone Crabs?	207
Trooping the colour	213
Libre voyageur	223
Sardana	231
Vin d'honneur	237
Cartagena, salsa e rum!	247
Rescue!	261
A mis amigos	281
Lisboa hoje amanheceu fria	285
O contador de histórias	291
Ochichornia	301
Cassius Marcellus	313
Emoções lisboetas com pasteis	319
Jabor, Neruda... e eu	325
Costa do sol	331
Fraternidade	341
O Reino encantado do Buçaco	349
Jogo da minha verdade	355

Nota

Os textos foram organizados aleatoriamente, sem seguir uma ordem cronológica em relação a quando foram escritos, e apenas tentei agrupá-los tentando seguir mais ou menos a época em que os fatos descritos aconteceram. As datas indicadas em cada texto indicam quando foram escritos, mas são aproximadas pois não as anotei com precisão.

Parênteses da memória

Nunca entendi bem esse meu lado saudosista.

Cada vez que algum pequeno gatilho do cotidiano aciona a memória, abro a mala das recordações e visito o passado. Não vivo exatamente por lá, nem de lá, mas gosto de reviver momentos e pessoas que me marcaram.

Esse braço de ferro entre o tempo que passa inexoravelmente tentando apagar lembranças, e o esforço da memória em trazê-las de volta, me preocupa. Não quero esquecer os bons momentos, talvez nem os maus, mantendo tudo muito presente comigo. Afinal, eu sou o conjunto e consequência das minhas experiências, dos meus erros e acertos, dos momentos que vivi e do que aprendi ou não com eles. Assim, se tempo e idade são meio sinônimos, e se ambos deslembam as memórias, por via das dúvidas achei que deveria cavar uma trincheira contra a senilidade e preservar minhas boas recordações, escrevendo-as.

Meus textos são apenas a memória do meu passado. Não têm qualquer função literária, mas só servem para me guiar nas revisitas que faço a momentos que ficaram lá atrás, e pessoas queridas que já não estão, vencendo o tempo que insiste em afastá-los.

É difícil e tento, mas a insegurança e o perfeccionismo me fazem começar e recomeçar muitas vezes. Escrevo, leio, modifico, releio, apago e escrevo novamente, num círculo interminável tentando conseguir as mesmas sensações de mergulhar num daqueles livros que nos levam a qualquer lugar e qualquer época. Não que eu pretenda ser um escritor, pois não é fácil ter a capacidade de fazer fluir idéias e emoções no papel, mas o respeito pelos momentos e pessoas cuja lembrança tento preservar, exageram meu empenho e... frustrações por não conseguir.

A vida é composta de ciclos. Ao menos a minha acho que é. No início me preparei, depois construí, e hoje entre ganhos e perdas vivo o resultado desse balanço, e num “depois” cada vez mais próximo, só sobrarão memórias. As minhas próprias enquanto estou por aqui, depois as daqueles que se lembrarão

de mim quando eu já não estiver, até que o tempo me apague completamente.

Construindo um silogismo básico, conluo de forma muito pragmática que se existem memórias, de uma forma ou de outra eu estarei presente, ao menos enquanto nelas. E sem querer me transformar num moderno Dorian Gray, nestas anotações encontro as razões para garanti-las como puder. Assim, além do meu prazer em reviver bons momentos, com elas vou tentar estender minha estada nas lembranças dos meus filhos e netos!

Mas, e todos os problemas sempre vêm depois de um “mas”, será que eles vão entender e sentir o que eu senti? Cada um reage de forma diferente. Os fatos que me marcaram certamente não terão o mesmo significado para cada um deles. Contudo, sendo um pouquinho otimista e aplicando com cuidado uma certa licença poética, pode ser que eu resolva isso e transforme os parênteses de minhas memórias em algo palatável.

Apesar da sempre presente autocensura que acaba soterrando meus planos, hoje entretanto, sozinho aqui no meu escritório da Bayswater em Londres, tendo meu lado crítico apaziguado pelo

silêncio de um dia chuvoso, e pela "happy hour" que hoje começou mais cedo graças a um Porto que meu amigo Frank Pereira me trouxe de Lisboa, sinto-me mais atrevido e não apaguei este texto. Decidi agitar minha memória buscando lembranças lá nos cantinhos mais escondidos, e achei um monte delas. São apenas parênteses empoeirados pelo tempo, que surgem naturalmente e sem qualquer rigor cronológico, conforme as emoções que causaram à época e acho que só preciso encontrar as palavras certas para descrevê-los.

Surpreendo-me rindo de mim mesmo pois algumas dessas lembranças são hilárias e descrevem situações ridículas que enfrentei na juventude, e que só a maturidade me permitiria compartilhar. Outros, menos interessantes, refletem alguns momentos introspectivos que pontuaram minha vida, e que não tenho certeza se quero dividi-los com alguém. Mas a maioria contudo é composta de momentos corriqueiros que à época marcaram minha vida, e dos quais sinto saudades.

Acho que vou finalmente começar...

Londres, inverno de 1988

Os sapatos do meu avô

Hoje recebi de Portugal a tão esperada cópia da certidão de nascimento de meu avô.

A recompensa pelos esforços de alguns anos de buscas finalmente permitirá que eu receba a muito conveniente nacionalidade portuguesa, pois morando em Londres e viajando constantemente para o oriente médio a trabalho, ser um cidadão da Comunidade Européia traz muitas vantagens. Essa busca genealógica foi de fato uma odisséia de trabalho e de coincidências que contarei em outra ocasião.

Ler aquele velho documento manuscrito, que continha os detalhes do nascimento de alguém tão querido que já havia partido anos atrás, somado à nostalgia que a distância familiar por vezes causa aos expatriados, me fez voltar um pouquinho no tempo.

Buscando lembranças, começo visitando no passado os momentos mais importantes da minha infância. Os sapatos do meu avô Manuel, embora algo

apenas lacônico sobre alguém extraordinário como ele foi, marcam uma lembrança intensa que imediatamente chama minha atenção na visita ao passado que resolvi fazer.

Além de muito especial para toda a família, meu avô foi um personagem muito admirado por mim. Morávamos em casas vizinhas e sua presença nas nossas vidas era constante. Na ingenuidade dos meus primeiros anos, aquele par de sapatos dentre tantos que meu avô possuía como homem elegante que era, exercia um fascínio enorme aos meus olhos. Grandes, castanhos e sempre impecáveis, sem nenhuma ruga ou dobra de uso, como se jamais um par de pés os houvessem calçados. Meu avô devia ter pés perfeitos...

Era um homem excepcional que eu adoraria ter podido conhecer nos dias de hoje e ouvir contada por ele a história de sua vida. Teve uma infância muito simples, para dizer o menos, feita de correrias e brincadeiras pelas ruelas úmidas da minúscula aldeia do Espinho em Portugal onde nasceu. Rapidamente convertido em adulto pelas necessidades impostas por uma vida simples e humilde, meu avô teve uma trajetória memorável, conquistando fortuna no Brasil

e transformando-se num real exemplo de conduta pessoal e profissional. Gentil e educado, mostrava, até mesmo nos raros momentos de destempero, um refinamento do qual até hoje não entendo a origem. Suas lembranças longínquas e raras me trazem saudades e sabor de carinho.

Meu avô construiu três casas num grande terreno que havia comprado à rua Cunha Moreira, em Santos. Eram duas casas menores, onde moravam meus pais e a família de minha tia Alice, construídas ao lado da casa principal de meus avós. A casa principal era grande, com um enorme jardim coberto de pedriscos que faziam um curioso ruído quando pisávamos sobre eles. Ao fundo, um galinheiro onde eu e meus primos torturávamos galinhas e patos para desespero de minha avó. Lembro de uma vez quando pintamos uma tartaruga de minha prima Therezinha com restos de uma tinta vermelha, e da surra que levei de minha mãe pela travessura. Foi impossível remover a tinta e a pobre tartaruga passou pintada por aquele jardim durante alguns anos, desafiando Darwin parecendo uma nova espécie. Cada vez que ela aparecia, envergonhado, eu sentia os olhares severos da família.

As reuniões de final de ano na casa de meus avós eram uma delícia. Vinham meus primos de São Paulo e passávamos aqueles dias de férias brincando e correndo entre as três casas da família. Minha avó, espanhola de La Alamedilla, próximo à Ciudad Rodrigo, na Salamanca, muito séria e carrancuda, era uma excelente cozinheira, e comandava suas auxiliares na cozinha com mão de ferro, e poucos sorrisos. O ponto alto das festas era o almoço de Natal, quando ela servia uma deliciosa “Chanfana”, o cabrito ensopado no vinho, prato típico da Beira Litoral, região de meu avô em Portugal. Na ceia de Ano Novo outra festa gastronômica esperada o ano todo, quando provávamos seu irretocável “Arroz de Polvo”, cuja receita reproduzi tantas vezes depois.

Com seu ar distante e sem jamais demonstrar grandes emoções, minha avó era uma pessoa tímida e ao mesmo tempo dona de uma personalidade inabalável. Lembro-me bem do seu curioso costume de invariavelmente receber todos os visitantes, inclusive eu depois de mais crescido, com um cálice de vinho do Porto. Esse ritual bem português que deve ter aprendido com meu avô, ela cumpria com um certo protocolo logo que chegávamos. Após me

receber e antes de iniciarmos qualquer conversa, me fazia sentar à mesa da sala de jantar, e apesar de ter empregados suficientes ela mesma buscava um único pequeno cálice e me servia uma dose de Porto. Então sentava-se, e só depois começávamos a conversar. Sempre muito séria e econômica nos sorrisos, mas impecavelmente gentil e educada, minha avó Ângela era o par perfeito para meu avô.

Lembro-me de um porão misterioso em sua casa, onde havia uma espada dourada que me fascinava. Maior do que eu à época, tinha arabescos gravados em baixo relevo na bainha e estava sempre brilhando, mantendo sua majestade mesmo abandonada ali em meio a barricas de azeite de oliva, caixas empoeiradas e coisas velhas. Nunca soube de onde veio, nem tampouco para onde foi depois que a família se mudou.

Às vezes, detalhes pequenos e corriqueiros para a maioria das pessoas, sem explicações impressionam e marcam as memórias de uma criança, como eu era naquela época. Algo assim, que nunca esqueci, foi o travesseiro que eu usava nas raras ocasiões em que meus pais viajavam e eu dormia na casa de meu avô. Era um enorme travesseiro de

plumas de minha tia Idalina, alto e macio, forrado num tecido vermelho escuro e coberto por uma fronha imaculadamente branca, que quando eu deitava fazia minha cabeça afundar num mundo perfumado que jamais esqueci. Nunca mais tive um travesseiro como aquele.

São lembranças sem importância de uma infância simples mas feliz, que nem sempre consigo ordenar cronologicamente pois me chegam da forma que querem e em borbotões desordenados, e que certamente só fazem sentido a mim.

Os anos são muitos e as saudades também...

Londres, inverno de 1988

Tipos do cotidiano

Passei minha infância e adolescência em Santos, onde nasci.

Na época era uma cidade importante em razão de seu porto exportador de café, mas até certo ponto provinciana no que se refere aos costumes. Uma vida calma e simples durante o ano, mas recheada de emoções juvenis na temporada, quando uma multidão de paulistanos descia a serra para as férias na praia.

As recordações daqueles anos são muitas e quase sempre de bons e divertidos momentos. Uma turma de adolescentes como eu, enchia o tempo e a imaginação num dia à dia ingênuo e simples, fazendo a vida em Santos tranqüila e descomplicada. Não havia a liberdade e independência que os jovens de hoje gozam, mas sim horários rígidos com controle severo dos nossos pais, e tínhamos que usar cada

pedacinho de liberdade e imaginação para pontuar nossa vida com algumas pequenas emoções próprias da nossa adolescência.

Principalmente durante a temporada, as longas caminhadas pela orla da praia após o jantar eram constantes. Era ali que se concentrava o então “point” da garotada, durante o dia indo e vindo da praia, e à noite conversando em grupinhos na calçada refrescando seus corpos queimados pelo sol do verão santista. Nessas andanças, além das garotas de São Paulo constantemente cruzávamos com alguns personagens exóticos da cidade, que todos conheciam e que também marcaram minhas lembranças daqueles anos deliciosos.

Não sei que idade tinha. Poderia ter 80 ou 90 e parecia um personagem saído de contos de fadas. Com sua barba enorme e imaculadamente branca que vinha até a cintura, Molina era das figuras mais conhecidas de Santos nos anos 60. Velhinho, usava uns óculos de lentes muito grossas numa armação de tartaruga, e tinha um sotaque estrangeiro, meio espanholado. Misterioso, sempre vestindo um velho, mas impecável terno preto, camisa branca e gravata também preta, sempre só e usando uma bengala,

passeava seus passos lentos e curtos pela avenida da praia, com a cabeça baixa e a brisa esvoaçando sua longa barba. A cada criança ou jovem que o conhecia e pedia, com um sorriso largo interrompia seu passeio, tirava do bolso uma tesourinha de unhas com uma pequena folha de cartolina preta, e sempre sorridente recortava a perfeita silhueta de cada um que o cercava. Acho que todo santista daquela época recebeu uma.

Ninguém sabia de onde era ou onde vivia, e durante muitos anos eu vi o velho Molina cortar silhuetas para centenas de crianças, sempre com a mesma simpatia e atenção, até que desapareceu. Sumiu como surgiu, sem sabermos de onde veio nem para onde foi.

-x-

Entre as várias figuras que divertiam a cidade com suas excentricidades, Dinho era outro dos que marcavam presença no nosso cotidiano. Um coitado com visível desequilíbrio mental, relativamente jovem, magro e mal vestido com roupas sempre maiores do que ele, de baixa estatura e um enorme

bigode que lhe cobria a boca completamente desdentada, andava sempre à passos rápidos e quase correndo pelas ruas do bairro do Gonzaga. Sua pressa constante não tinha destino e dava voltas e voltas nos mesmos quarteirões, sempre discutindo consigo mesmo em voz alta. Era simpático, inofensivo e muito afável, mas completamente maluco. Às vezes, pensativo e silencioso, parava próximo aos muros baixos dos jardins do elegante Parque Balneário Hotel na avenida à beira-mar, esgueirava-se entre a folhagem, e como um verdadeiro Tarzan numa floresta tropical qualquer, soltava retumbante arroteo para escândalo dos hóspedes que jantavam nas mesas do jardim. Saía rindo, retomava sua auto discussão e, como sempre às pressas, perseguia seu caminho sem fim.

Lembro de uma ocasião, quando o Cine Atlântico lançou o filme dito erótico “Isto é Strip-Tease” estrelado pela lindíssima Jacqueline Myrna, obviamente proibido para menores, mas que nossas carteirinhas de estudante falsificadas nos permitiam assistir. Num momento da mais absoluta crueldade juvenil, convidamos Dinho para ir ao cinema conosco depois de lhe dar algumas instruções. O pobre aceitou

animado, e ansiosos entramos todos no cinema lotado sentando nas primeiras filas. Logo que o filme começou, numa das cenas mais picantes, quando a atriz começava a tirar a roupa, Dinho, cumprindo nossas instruções subiu ao palco que havia na frente da tela e abrindo os braços como um profeta no púlpito, soltou o seu estrondoso e conhecido arrote, desta vez alcançando um volume que estremeceu a sala. As luzes se acenderam e, às gargalhadas, fomos todos postos para fora do cinema pelo gerente, que aparentemente não apreciou a ruidosa eructação do Dinho.

Até hoje não vi a Jacqueline fazendo strip-tease...

-x-

Certamente uma das mais conhecidas figuras exóticas da cidade, e também meio maluco, o popular Zé Macaco, que ganhou o apelido certamente por seus braços muito longos e maneira simiesca de andar. A figura passava o tempo todo carregando uma lata de azeite pintada de preto, com uma velha antena de automóvel e alguns botões inúteis,

irradiando jogos de futebol imaginários imitando locutores, ou entrevistando passantes para uma rádio inexistente.

Os santistas que conhecíamos a figura, riamos e seguíamos nosso caminho quando Zé Macaco se aproximava com seu “rádio” de repórter, mas os turistas incautos paravam e davam entrevistas sobre os mais variados assuntos, certamente vaidosos por estarem “no ar”. Um desses incautos foi o então Presidente Juscelino Kubitscheck, que durante uma visita que fez a Santos, foi entrevistado por Zé Macaco, sem saber obviamente do limitado alcance da “rádio” que o entrevistava. Mas não foi ele a única autoridade que sofreu nas mãos dessa estranha figura, pois anos depois o então Presidente da Republica Marechal Castelo Branco, também visitando a cidade, foi outro que recebeu a “honra” de ser entrevistado pelo Zé...

Depois de algum tempo, de tão conhecido que era, passou a ganhar a vida às portas de lojas de comércio no centro da cidade com um simples alto-falante, este sim verdadeiro, anunciando produtos e preços. Nos intervalos de sua atividade às portas das lojas, empurrava um carrinho carregando seu alto-

falante pelo centro, e em alto volume que mais distribuía estática do que as mensagens que gritava, Zé Macaco anunciava os mesmos produtos e preços do comércio local.

Era bastante popular e chegou até a fazer “reportagens de campo” com sua lata de azeite no estádio da Vila Belmiro, entrevistando jogadores dos times visitantes, já que os locais o conheciam e apenas riam dos colegas de outras cidades que acreditavam estar dando longas “entrevistas” ao Zé.

Querido pela população da cidade, num provável gesto de protesto ou talvez de maldade, foi convidado a candidatar-se à Câmara Municipal de Santos, e para a surpresa geral foi eleito como o vereador que recebeu o maior número de votos, o que nos mostra que desde aquela época os políticos já não mereciam muito respeito...

-x-

Maria Sapa eu nunca conheci. Era muito pequeno e só lembro do medo que a criatura nos causava só de ouvir falar nela.

– Meninos! Se não se comportarem vou chamar a Maria Sapa! – ameaçava eficientemente minha mãe...

A coitada era outra figura folclórica da cidade, personagem tenebrosa, moradora de rua que andava suja e vestida de molambos com um saco às costas, seguindo pelas ruas pedindo dinheiro e recolhendo tudo o que encontrava ou que lhe davam, o que certamente lhe garantia a subsistência.

Parece que quando enviuvou de um tal Manezinho da Guarda Nacional, a pobre enlouqueceu, abandonou a casa e família, e passou a perambular pela cidade levando uma filha pequena que a acompanhava.

Sua fama devia-se à enxurrada de cabeludos palavrões que gritava cada vez que alguém lhe recusava uma esmola. Quando a viam de longe, as pessoas atravessavam a rua, mudavam de caminho ou faziam qualquer coisa para não ser alvo de seu ataque implacável. Já os que não a conheciam, não escapavam da vergonha e sofriam um verdadeiro massacre de impropérios, habitualmente desferidos por ela quando ignoravam seu pedido.

Maria Sapa foi personagem muito presente na educação das crianças da época, inclusive na minha, pois era sob ameaças de chamá-la que os miúdos como eu se comportavam... Entretanto, sob aquele manto de agressividade e falta de educação, aparentemente havia um coração mole, pois dizem que religiosamente dividia suas esmolas com as igrejas locais.

Certa ocasião, o então Governador de São Paulo, Adhemar de Barros, visitava a cidade com grande comitiva de integrantes do seu partido, o PSP. Santos estava em festa, pois o prefeito de então era Silvio Fernandes Lopes, também do PSP, e uma pequena multidão aglomerou-se às portas da prefeitura municipal na Praça Mauá, esperando a saída do governador que retornaria à capital. Descendo lentamente as escadarias do paço, levado pelo braço do prefeito e cercado pela imprensa, o gordo e sorridente Dr. Adhemar cumprimentava os correligionários que o saudavam. Quando chegou à calçada foi abordado por Maria Sapa, que havia aberto caminho entre a multidão e, com a expressão chorosa que usava sempre, pediu-lhe:

– Uma esmolinha pelo amor de Deus...

Embora sendo uma águia da velha política e extremamente precavido contra o inesperado, naquele momento o Dr. Adhemar de Barros cometeu o grave erro de não responder, e quando a pedinte insistiu veio o indefectível:

– Desculpe, mas não tenho trocado.

Foi um total desastre. Maria Sapa deu um passo atrás, colocou as mãos na cintura, e olhando bem para o governador desandou a gritar palavrões, enumerando geração por geração da família De Barros, citando mãe, esposa (pobre D. Leonor...), filhos, avós e bisavós do político, e sobre cada um desfiando um verdadeiro rosário de adjetivos que envergonhariam até o dono do mais imundo bordel.

O governador ficou meio sem graça e saiu de fininho, certamente arrependido de ter economizado alguns tostões...

-x-

Não se sabe quando ele passou a ser conhecido como “Dudu do Gonzaga”, mas era um dos personagens mais famosos da cidade na época. Deveria ter mais ou menos a minha idade, nasceu

numa família de classe média e desde cedo assumiu sua condição de homossexual, travestindo-se sem qualquer vergonha.

Indiferente ao enorme escândalo que isso causava nos anos 70, Dudu vestia-se como as garotas da época, usando batom, olhos exageradamente pintados, saia, salto alto, com seus cabelos longos e encaracolados em penteados extravagantes.

Comportava-se escandalosamente, sempre sorrindo numa constante demonstração da mais plena felicidade, e chamando a atenção dos rapazes com farta distribuição de beijos à distância, fazendo um verdadeiro *trottoir* no bairro do Gonzaga. Não era bonito, e isso comprometia muito sua tão desejada aparência feminina, fazendo com que parecesse mais uma caricatura pioneira de uma “drag queen” tão em moda nos dias de hoje, mas desconhecida naqueles tempos.

Nos finais de semana lá ia Dudu à praia vestindo uma canga transparente, cobrindo um biquíni “fio dental” mínimo e indecente sob qualquer critério, rebolando seus quadris magros. O comércio parava e todos queriam ver Dudu passando, sempre

sorrindo e acenando como uma celebridade, o que de certa forma não deixava de ser.

Era uma boa pessoa. Inofensivo, quando às vezes grupos de jovens lhe dirigiam ofensas e provocações homofóbicas infelizmente tão comuns naqueles tempos, Dudu apenas sorria e seguia seu caminho rebolando sempre.

Havia um italiano de quem obviamente não vou aqui citar o nome, jovem bem apessoado e com corpo de halterofilista, freqüentador sempre solitário do famoso e concorrido Café Atlântico, no principal ponto do bairro e onde todos íamos sempre. Quase toda noite o italiano circulava pelo Gonzaga de camisa justa, mangas curtas arregaçadas envolvendo um bíceps super desenvolvido, botões abertos mostrando o peito bronzeado, e parecendo um ator de cinema era um magneto de paquera para as garotas da época. Todos tínhamos uma pontinha de inveja daquele “monumento de homem” como era chamado pelas meninas, que o cobiçavam com olhares compridos, ainda que sem qualquer resposta da enigmática figura.

Até que um dia, o italiano tomava calmamente seu café, sozinho como sempre no balcão do

Atlântico, quando do nada surge o extravagante Dudu, de bolsa, salto alto e chapéu com abas enormes, vestindo um “tomara que caia” cheio de babados, com uma justíssima calça Saint-Tropez, e furioso começa a discutir com ele em voz alta. Perguntava porque havia sumido, se já não o amava mais e havia encontrado outro, se pensava que ele, Dudu, “era uma vadia de calçada para ser deixada assim sem mais nem menos”, e por aí seguiu para a total vergonha do italiano, que depois disso nunca mais foi visto.

Todos nos sentimos redimidos!

Montevidéu, inverno de 2017

A pick-up Chevrolet

Ainda remoendo as lembranças, encontro outro personagem que marcou minha infância.

A “caminhonete”, como a chamávamos, era uma velha pick-up Chevrolet 1948 pela qual meu pai tinha um carinho especial, e que era o carro da família. Verde escuro, feia e quase sempre suja, pois durante o dia era usada para as entregas no negócio da família, era em sua pequena cabine que nos espremíamos, meu pai, minha mãe, meu irmão e eu.

Os passeios eram poucos. Meu pai não era exatamente um homem de família e eram raras as ocasiões em que os quatro íamos juntos a qualquer lugar. O "cinema" no Clube Internacional aos domingos à noite era infalível. Num enorme ginásio na Ponta da Praia, em Santos onde morávamos, instalavam uma grande tela branca em frente à uma centena de cadeiras simples de madeira, e projetavam velhos filmes em preto e branco. Meu pai era o que

mais se divertia, e acho que essa era a razão do passeio. Às vezes, em ocasiões muito especiais, íamos jantar fora. Invariavelmente era num restaurante chamado “Ao Casca Arame”, de cujo nome estapafúrdio eu nunca soube a razão. Era um lugar simples, quase um botequim melhorado, mas a comida era de fato deliciosa. Pedíamos sempre bifes com batatas palha, que era o prato predileto de meus pais. É engraçado como até hoje eu lembro perfeitamente do lugar que obviamente já não existe há décadas, e daquelas batatas saborosas...

Nas férias, quando eu não era enviado para a casa de meus avós maternos em São Paulo, íamos minha mãe, meu irmão e eu para Águas de Lindóia, Poços de Caldas ou Serra Negra. Meu pai nos levava na velha pick-up e após uma semana nos buscava. Ficávamos em hotéis simples, pois a vida não era fácil. Meu irmão e eu e passávamos os dias a andar a cavalo, puxados lentamente por garotos às vezes menores do que nós, através das pequenas ruas daquelas então cidadezinhas, e por vezes saíamos de charrete, que minha mãe entusiasmada adorava conduzir. As refeições eram sempre nos hotéis onde